

# Mandei fazer macumba contra Cid, diz Esteves

José Esteves reconhece que comentou o caso de Camarate pelo telefone com Francisco Pessoa em 1988, mas acusa Augusto Cid, que assistiu ao telefonema, de ter forjado partes do diálogo. E diz que encomendou um feitiço contra ele no Brasil

**J**OSÉ ESTEVES, o antigo segurança de Freitas do Amaral que aparece citado no livro do «cartoonista» Augusto Cid como suspeito da alegada sabotagem do avião em que Sá Cameiro morreu, foi ontem à tarde de novo ouvido pela IV Comissão Eventual de Inquérito ao Acidente de Camarate, da qual Cid faz parte.

Os deputados decidiram voltar a ouvir José Esteves depois de, na semana passada, terem apreciado um novo elemento sobre o caso que «um português preocupado em saber toda a verdade sobre Camarate» fez chegar às mãos do presidente da comissão, o social-democrata Correia Afonso. Tratava-se de uma cassete com a gravação de uma conversa telefónica entre o ex-guerrilheiro da FNLA e Francisco Pessoa, seu antigo patrão. A conversa terá tido lugar em Abril de 1988, quando José Esteves, há três anos no Brasil, combinava o seu regresso a Portugal com Francisco Pessoa, que então se encontrava em Lisboa.

Na parte da conversa re-

produzida por «O Independente», Esteves sugere que Lucas Pires fora avisado do que ia acontecer, três dias antes de o avião cair em Camarate. Interrogado por Francisco Pessoa, confirma que a sabotagem tinha como alvo Soares Cameiro e que a ela estava ligada «malta do Eanes».

«Algumas partes da conversa foram forjadas por Augusto Cid, que foi quem entregou a cassete à comissão, fazendo-o de uma forma anónima, porque sabe que gravar uma conversa privada é crime», afirmou José Esteves.

Augusto Cid revelou, entretanto, a «O Jornal», que assistiu à conversa telefónica entre Esteves e o seu antigo patrão. «Eu e um militar assistimos ao telefonema, no escritório de Francisco Pessoa. E a conversa apenas foi gravada com o objectivo de proteger José Esteves», disse o «cartoonista», recusando-se a revelar o nome do militar, «pelo menos, para já».

## *Esteves já tem advogado*

José Esteves, que negou a existência do telefonema quando em Dezembro passado compareceu perante a comissão parlamentar, dá, agora, o dito por não dito. E acrescenta mesmo que Francisco Pessoa passou, na altura, o telefone a Augusto Cid, que lhe prometeu apoio caso ele contasse tudo o que sabia sobre Camarate. «Lembro-me de ter comentado o acidente, disse que talvez tivessem apertado os tubos da gasolina. Mas não incriminei ninguém!», declara.

Francisco Pessoa sabia que José Esteves estava com dificuldades financeiras e queria aju-

dá-lo. E já antes, em contactos que com ele tinha no Brasil, Augusto Cid se oferecera para lhe pagar a viagem de regresso. Mas a oferta foi recusada.

Daprimavera que foi ouvido pela comissão, José Esteves não tinha advogado. Mas ontem já foi acompanhado por Rui Santana, advogado que, segundo conta, alguns amigos lhe arranjaram. E sobre a cassete argumenta que esta não constitui prova em tribunal nenhum. Mais: não tendo sido gravada com autorização judicial, constitui um crime.

Augusto Cid afirma, por seu turno, que a polícia não está interessada em descobrir a verdade e que por isso nem sequer interrogou José Esteves. «Ainda há pouco tempo, Ramiro Moreira disse a um jornal que voltaria a Portugal e contaria o que sabe sobre Camarate se o amniassem. Mas ninguém ligou», disse.

Francisco Pessoa deverá ser chamado à comissão de inquérito na próxima semana, e, posteriormente, o mesmo acontecerá com o militar que assistiu ao telefonema.

Aconteça o que acontecer, José Esteves, que em 1975 apareceu ligado a diversos atentados bombistas, não perdoa a Augusto Cid. «Já tenho alguém a fazer macumba contra ele no Brasil. E olhe que o meu santo é forte!». E avisa-o: «Ele que não mexa comigo, porque eu sou mil vezes pior do que o Saddam Hussein. Sou tipo cobra: se me pisam, mordo!». **A. Campos**